

A Escritura Polifônica em Dostoiévski: a nudez da subjetividade

Geovani Paulino Oliveira¹

Resumo

Este artigo visa apresentar a escrita polifônica que segundo Bakhtin é algo peculiar de Fiodor Dostoiévski. Queremos demonstrá-la como aquela que anuncia a infra-realidade da subjetividade humana que se fragmenta a partir de uma realidade que sucumbi o indivíduo a um estado de desatino perante os ditames e a indeterminação da sociedade contemporânea. É mediante a tal argumento que a polifonia nos aparece como a abertura do indivíduo em sua nudez e sinceridade perante aos nossos olhos. Assim sendo faremos uma exposição de algumas das personagens que representam este estado conturbado apreendido de forma magnífica por Dostoiévski que, segundo Nietzsche, conhecia de forma majestosa as entranhas da subjetividade humana. Portanto, o trilhar por tais discussões e suas problemáticas compõe o intuito fundamental deste artigo. Esperamos de tal intento oferecer algumas reflexões sobre este pensador e situá-lo como aquele que inaugura questões capitais a contemporaneidade.

Palavras-chave: subjetividade, polifonia e liberdade.

Abstract

This article aims to present the polyphonic writing that according to Bakhtin is something peculiar Fyodor Dostoevsky. We want to show it as one that announces the infrastructure of human subjectivity that reality is fragmented from a reality which the individual succumbed to a state of madness before the dictates and indeterminacy of contemporary society. It is by this argument appears to us as the polyphony of the individual openness and sincerity in their nakedness before our eyes. Therefore we will display some of the characters that represent this state seized troubled magnificently by Dostoevsky, Nietzsche, knew so majestic the bowels of human subjectivity. Therefore, the tread on those discussions and their problems make up the fundamental aim of this article. We expect this endeavor to offer some thoughts on this thinker and place him as one who opens the contemporary capital questions.

Key-words: subjective, polyphonic, liberty

INTRODUÇÃO

Temos como intuito, neste texto, apresentar a relevância da escritura polifônica que, segundo Bakhtin, é algo peculiar dos romances de Fiódor Dostoiévski e, ao mesmo tempo, porta de acesso para o entendimento da enigmática e conturbada tessitura dos enredos de seus escritos, haja vista que, para Bakhtin, não entender esta peculiaridade de sua escrita e o que ela apresenta de novidade - não só no mundo literário, mas, inclusive no contexto mais amplo - é não entender a forma artística que Dostoiévski inaugura na literatura de seu tempo. Portanto, mediante a tais motivações, queremos demonstrá-la como aquela que anuncia a infra-realidade da subjetividade humana que se fragmenta a partir de uma realidade que sucumbi o indivíduo a um estado de inquietação (loucura) perante os ditames e as determinações de uma sociedade centrada no universo dogmático científico que estabelece o processo de coisificação da mesma.

¹ Bolsista pelo CNPQ e aluno do Mestrado Acadêmico em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE.

A VISÃO DA ARTISTA

Dostoievski inaugura uma literatura cheia de conflitos e de consciências *autônomas* perturbadas que já refletem o aspecto do homem contemporâneo, ou o aspecto do conflito perante a dúvida de si mesmo e de suas próprias ‘convicções’, ou como queira, de seus próprios ideais. E todo enlace se dará justamente por esta descrição da subjetividade e, concomitantemente, da apreensão do indivíduo em meio a um tempo: a contemporaneidade. Este universo que o autor nos descreve em suas obras não deve ser visto simplesmente como o universo ideológico do autor que se utilizava das personagens como forma de exteriorização de suas idéias, tal concepção não açambarca o entendimento total de sua escrita. Nisto se faz necessário entender que suas personagens são em si autônomas - dentro da construção do romance - e, doravante, livres para contraporem-se a idéia do autor. Esta liberdade é o que constitui o caráter equípoleto das vozes (*personas*) que exercem o mesmo direito e igualdade dentro da tessitura romanesca. Temos então um conflito de vozes tanto do lado exterior, como também, no campo da interioridade, haja vista que estas personagens dialogam de forma infernal consigo mesma – isto numa primeira instância – e depois com as demais consciências que compõem o enredo do romance. Aqui não se exclui as idéias do próprio autor, mas estas já não são responsáveis pelo desfecho dos acontecimentos. Em síntese, comungando com a tese de Bakhtin, não há uma teleologia e um destino caprichoso imposto pela consciência do autor a vida das personagens.

Desta forma temos uma consciência que é regente de toda a obra e que não se exclui, mas da mesma forma, não exclui a voz das personagens atribuindo as mesmas uma liberdade para decidir sobre o seu próprio destino. Esta forma romanesca quebra os padrões culturais dos romances monofônicos e apaziguado de tais conflitos. Ora, Onde já se viu a personagem ter autonomia e ser em si mesma responsável pelo seu próprio destino. Como entender que estas personagens que são criaturas da mente de Dostoiévski não já são, pelo mesmo, predestinadas a tal finalidade, ou, a tal fim? É justamente este o caráter inaugural e perturbador – isto para aqueles que ousavam compreender o mundo conturbado de Dostoievski e de seus romances – de sua escrita a qual Bakhtin chama de uma escrita polifônica.

Esta literatura onde as personas não dependem das idéias do autor e são tomadas, pelo mesmo, como livres e singulares na tessitura do próprio romance parecia

no mínimo esdrúxula. Mas é este o universo de Dostoiévski e que Bakhtin interpreta-o como polifônico², pois, em sua concepção “o romance polifônico é uma estrutura complexa, cujos heróis, cada um portador de um ponto de vista enraizado numa situação concreta da vida, são autônomos e inacabados com relação ao olhar do autor sobre eles (...)”³. É o mundo do dialogo incansável que parte de si ao outro e que ao mesmo tempo este outro é objeto que me desvela.

Ora, isso acarretou para Bakhtin argutos problemas, pois quando ele anuncia que esta seria a forma romanesca do futuro, logo seus críticos começaram a caça aos escritos polifônicos. E quando estes não foram encontrados, veio o seu declínio. Rodolfo Peçanha o reconhece como um grande crítico literário e que fez um estudo bastante rico da poética de Dostoiévski, mas que estas personagens autônomas não se sustentam. No mesmo ensejo, Joseph Frank o identifica como extremado, mesmo nutrindo grandes admirações pelo mesmo. Podemos ilustrar tal afirmativa num dos textos de Cristovão Tezza, cito-o:

“Cabe lembrar aqui a intuição (e a exceção) de Joseph Frank – autor da monumental biografia de Dostoiévski, ao valorizar na análise bakhtiniana a noção de que a linguagem do autor russo é sempre ‘dialógica’ – ‘mesmo quando não há nenhum diálogo, e Bakhtin ilustra seu argumento com uma grande riqueza de detalhes sutis e argutos’, acrescenta Frank no primeiro volume de sua obra (Dostoiévski – As sementes da revolta. 1821-1849). Em seguida, a ressalva: ‘É certo que ele extrai dessas observações conclusões extremadas que, na minha opinião e na de muitos críticos, são insustentáveis. ‘O que é insustentável, esclarece uma nota de rodapé, é a idéia do romance polifônico’⁴.”

Mas, não é de nosso interesse, no momento, advogar e/ou resgatar Bakhtin das interpretações, ou devaneios intelectuais, de seus críticos. Tais divergências citadas têm

² Estava lançado no mundo da crítica um termo que traria muitas discórdias e que seria bastante caro para o próprio Bakhtin, pois, “(...) Essa expressão teve uma carreira tão errática quanto a do próprio Bakhtin. Mas o que se deve enfatizar é que o conceito de polifonia foi por um bom tempo pedra de tropeço para muitos de seus interpretes, pois, justamente por não entenderem este aspecto – da equipolência das vozes - da tessitura de sua obra, traduziam-na simplesmente como se esta representasse a exteriorização das idéias do autor, isto é, compreendiam-na dentro de um processo monológico e ideológico.

³ Apud, BEZERRA, Paulo. “A perenidade de Dostoiévski”. Artigo publicado na Revista Cult; “Fiódor Dostoiévski: o profeta da literatura russa” p.19

⁴ Apud, TEZZA, Cristovão. “A polifonia como categoria ética”. Artigo publicado na Revista Cult; “Fiódor Dostoiévski: o profeta da literatura russa” p. 24

o intuito de demonstrar que ao redor das interpretações de Dostoievski, sobre o conceito de polifonia, circunda tais discordâncias. Isso como já se sabe é devido o seu estilo artístico de não interferir no itinerário de suas personagens. Logo, o cerne da questão – isso para não cometermos uma injustiça com Bakhtin – é perceber a dimensão do problema e o universo que está sendo anunciado com o conceito de polifonia que nos remete a este dialogismo e, doravante, a liberdade destas vozes perante a voz do autor. Creio que seus críticos não atentaram para um universo mais amplo da crítica e significação presente em tal escrita que açambarcava uma miscelânea de problemáticas tão bem arquitetadas e contempladas com exímio cuidado. Tais reflexões são exteriorizadas em seus romances com o auxílio das consciências que ele chama para o diálogo, a saber: Raskolnikov, Sônia, Alioscha, Ivam, Stravoguin, Michikin e etc.⁵

Portanto, esta colocação se apresenta como justificativa daquilo que já falávamos acima no sentido de compreender que Dostoiévski anuncia a fragmentação da subjetividade perante uma sociedade marcada pelas incertezas de si mesmo devido o advento das ciências e da técnica com os seus especialistas e, acrescentamos a isso, a própria realidade psicológica e social do indivíduo que se dirimia no mundo que se tornava pragmático, pois o utilitarismo conduzia o homem ao universo da ação tornando o mesmo um instrumento para se chegar a tal fim. Com isso acontecia sua submersão a uma forma sistêmica que sucumbia a sua própria subjetividade⁶. Assim sendo sem autonomia este se tornava escravo das tabelas aritméticas e do dois mais dois.

Não é por menos que Dostoievski se dizia ser “*filho do século, filho da descrença e da dúvida (...)*.”⁷ Logo a forma com a qual Dostoievski dispunha pra anunciar tais problemas que compõe a interioridade humana seria se utilizando da literatura – que em sua pena ganhava aspectos mais profundos - para mostrar os males que tais circunstâncias sociais causariam ao psicológico do indivíduo. Não é por menos que segundo Joseph Frank – um de seus maiores biógrafos - encontramos uma psicologia social nas obras de Dostoievski. Cito-o:

“Aunque esta sociologia sea rechazad de momento, Dostoiévski está avanzando claramente hacia la técnica

⁵ Não que estes heróis sejam os mais importantes. Mas apenas, foram os que me vieram à mente de forma repentina.

⁶ Eis o que chamávamos a cima de miscelâneas de problemas que o conceito de polifonia açambarca e deseja revelar.

⁷ Apud, BEZERRA, Paulo. “*A perenidade de Dostoiévski*”. Artigo publicado na Revista Cult; “*Fiódor Dostoiévski: o profeta da literatura russa*” p 13.

de considerar a sus anteriores personajes no solo como las sentimentales y grotescas miniaturas del pasado. Ahora se han elevado al mismo nivel de dignidad, y están dotados con algo de la elevación de pensamiento y sentimiento que tienen las grandes creaciones románticas de Pushkin. Después de haber rechazado el romanticismo y condenado sus temas y motivos al nivel de 'lo prosaico' durante los cuarenta, Dostoiévski ahora cambia de dirección para amplificar su 'naturalismo sentimental' con parte de la grandeza que antes había inflamado su imaginación literaria juvenil. Más precisamente, está empezando a avanzar a tientas hacia la síntesis de sus grandes novelas, donde una escrupulosa descripción de 'lo prosaico' quedará combinada con 'lo fantástico' del extremismo sociológico, la consumidora ambición y el raciocinio ideológico más complejo"⁸

Creio que o essencial seria compreender o universo circunstancial filosófico de Dostoiévski ao apresentar este universo esfacelado da modernidade como consequência de um tempo que anunciava a quebra da relação com o outramente outro que se apresentava ao indivíduo como limite de sua ação. A subjetividade é senhora de si e em si é aquela que atribui sentido, ou melhor, busca atribuir sentido a própria existência. Pois se Deus existisse haveria um limite, mas como o mesmo não existe tudo é permitido. Ora é justamente por assim ser, que Bakhtin compreende este esfacelamento como polifonia ou, como queira: multiplicidade de vozes.

Portanto se faz necessário compreender que Dostoiévski estava atento as mudanças do seu tempo e a diluição do mesmo⁹, haja vista, as leituras assíduas dos periódicos e de todos os assuntos relacionados à política, a economia e aos próprios escritos filosóficos e literários de seu tempo que lhe fornecia material reflexivo que fortalecia seus argumentos e aguçava sua percepção perante este *novo* mundo que se erigia diante de seus olhos e pelo qual, o mesmo, inferiu severas críticas aos efeitos das ciências que tentavam adjetivar o homem definindo-o a partir das mais diversas formas. Eis o panorama do indivíduo e da Rússia que, na verdade, é já um panorama do lastro de fragmentação que a própria Europa já experimentava. Assim, em meio a tais justificativas, cremos que já se evidencia a noção da nudez da subjetividade que a polifonia nos revela e da qual é o cerne de nossa discussão.

⁸ FRANK, Joseph. " *La secuela de La liberacion* " p 102

⁹ Pois se atentarmos para o fato que mesmo no período de exílio em solo pátrio Dostoiévski escreve a seu irmão pedindo que o mesmo que lhe envie alguns livros para que permaneça atualizado com seu tempo entenderemos a sua visão de mundo e em particular da realidade do povo russo. A carta que me refiro é de 30 de janeiro de 1854. Conferir Dostoiévski: correspondências 1838-1880. Trad. Robertson frizero. p 65

A CLARIVIDÊNCIA DO ARTISTA

Retomando o que dizíamos acima sobre o entendimento de seu tempo e o seu anúncio crítico por intermédio da literatura, queremos retomar a agudeza da visão de Dostoiévski diante desta subjetividade humana para elencarmos sua clarividência. Ora, seu infra-realismo e sua busca de compreensão dos percalços que acompanham a constituição moderna da interioridade humana o conduziram a uma defesa do homem e da interioridade perante as ciências, que tentavam definir este Ser *Ad Infinitum*. Aqui fazemos uso das palavras de Bakhtin que nos diz:

“Dostoiévski faz em seu diário uma definição notável das peculiaridades da sua criação artística: ‘No realismo pleno descobrir o homem no homem... Chamam-me psicólogo: isso não é verdade, eu sou apenas um realista no sentido superior, isto é, eu represento todas as profundezas da alma humana.’”¹⁰

O resultado desta representação são estas personagens inquietas que buscam a definição e a afirmação de si mesmas, como também, é por elas que cada indivíduo pode se contemplar como se estivesse diante de um espelho. Desta forma, podemos dizer que as mesmas são portas que nos possibilita adentrarmos a nossa própria subjetividade. É por esta razão que Dostoiévski infligia perplexidade aos seus contemporâneos, pois os mesmos não reconheciam este mundo de tensões existenciais e de gestos exacerbado a partir de pulsões agressivas agora descortinadas. Dostoiévski apresenta não uma exterioridade, mas sim uma interioridade. E o que isso quer dizer? É como se Dostoiévski escrevesse falando do indivíduo aquilo que não vemos, pois está no âmbito do subjetivo e como olhamos a exterioridade não conseguimos entender este universo, por isso a necessidade de compreender a sua clarividência e sua sensibilidade para o *outro* em seu universo existencial.

O grande diferencial é, portanto, esta clarividência e sua perspicácia que lhe permite sondar de forma *clara e evidente* os abismos da interioridade humana com o seu infra-realismo que consegue trazer à tona aquilo que se passa no mais íntimo esconderijo do Ser. Este realismo que ‘invade’ o outro é um fator preponderante para que haja este entendimento apurado do conflito, pois nada escapa a sua apreensão e sensibilidade de diagnosticar os desatinos sutis das entranhas daqueles com os quais se

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. “*Estética da Criação Verbal*” p 197

relacionava. Talvez seja por isso que Tolstoi não tenha querido estar a sua frente, e mais ainda, é por isso que Nietzsche afirmava:

“Os primeiros discípulos, em particular, traduziram primeiro para sua crueza própria um ser flutuando em símbolos e enigmas – o cristo – e incompreensibilidade para dele compreenderem em geral alguma coisa (...) deveria lamentar-se que um Dostoiévski não tenha vivido na proximidade desses interessantíssimos *décadent*, quero dizer, alguém que soubesse sentir justamente o fascínio comovente de uma tal mescla de sublime, de doentio e infantil”¹¹

Estas palavras de Nietzsche além de demonstrar a admiração do mesmo por Dostoiévski vêm corroborar e justificar a nossa fala quando citamos que este detém um olhar clarividente e de como o mesmo apreende as dores do mundo a partir deste mergulho de forma extremada na análise e reflexão de sua própria vivência que se estende a vivência do outro. Todavia, é por este motivo que explicamos a genialidade da forma de expressar este universo tenaz e frenético em suas obras. Talvez, ou com certeza, por isso a transparência de suas personagens que muitas das vezes fala de forma íntima a nossa condição existencial a ponto de nossa identificação com suas dores e conflitos.

É a partir dessa dimensão – do conflito - que se enfoca o ponto forte e impactante de Dostoiévski, pois esta realidade impõe as *personas* uma luta entre suas consciências em busca de uma determinação e de um ponto seguro para responder as suas angustias e contradições perante a vida. É o universo da desolação ou porque não dar razão a Tolstoi; do manicômio. Não é a toa que seu desejo consistia em nos colocar perante a negação e nos paralisar diante da dúvida. É por isto que:

“A multiplicidade de vozes e de consciências independentes e não misturadas, a autentica polifonia de vozes plenamente solidas é efetivamente a particularidade profunda dos romances de Dostoiévski. Não há (...) caracteres e destinos desenvolvendo-se no coração de um mundo único, mundo objetivo iluminado pela consciência estrita do autor, mas verdadeiramente (...) consciências plenamente qualificadas, possuindo cada qual seu mundo (...) o discurso do herói (...) não (...) serve para expressar a posição ideológica própria do autor. A consciência do herói é dada como consciência outra, consciência do outro (...) sem tornar-se um simples produto da consciência do autor. (...) o discurso do herói possui uma excepcional independência na estrutura da obra, e ressoa, de qualquer modo, ao lado

¹¹ Nietzsche, F. “*O Anticristo*” p 49

do discurso do autor e com ele se combina de maneira particular...”¹²

Ora, este universo até então não era visto nos romances, por isso o impacto e a crítica a suas obras adjetivando-as como subversivas e equiparando-a a um manicômio. Esta balburdia começa com a crítica ao *O duplo*, também traduzido como *O Sósia*. Nesta obra seus críticos chegaram a anunciar a falência de Dostoiévski enquanto escritor, pois ao receberem *Gente Pobre* – sua primeira obra – de forma positiva, haja vista, a ilustração que Dostoiévski oferecia da situação do homem russo perante o contexto social de miséria, percebiam que entre estas duas obras existia um fosso, ou uma elevação do pensamento que abeirava a loucura. A verdade é que o tema da duplicidade, isto é, a exteriorização do ser que agora não somente dialoga de forma interior, mas esta consciência se encontra agora no exterior de sua própria subjetividade era novo e ao mesmo tempo bastante elevada para o seu tempo. Mas, já em *Gente Pobre* temos uma introspecção sutil e estarrecedora da interioridade humana, por isso, ressaltamos um detalhe importante: Diévuchkin – personagens do romance – já demonstra uma capacidade de questionamento e de indignação perante a coisificação ou padronização do próprio indivíduo e reivindica a sua singularidade recusando ser comparado com Akaki personagem *D’O Capote* de Gogol e dotado de consciência de sua situação e de posse de uma linguagem própria expressa suas idéias reagindo às ofensas dirigidas a ele. O perceptível é o enfoque da singularidade¹³ e autonomia que Dostoiévski confere as suas personagens constituindo, assim, sua originalidade diante dos seus contemporâneos ou, até mesmo, de seus antecessores. Por isso é que o mesmo afirma – em uma de suas correspondências dirigida a seu irmão – que:

“Eles (o publico e a crítica) – M. B.) estão habituados a ver em tudo a cara do autor; a minha eu não mostrei. Nem conseguem atinar que quem está falando é Diévuchkin e não eu, e que Diévuchkin não pode falar de outra maneira. Achem o romance prolixo, mas não há palavra supérflua.”¹⁴

Ou seja, não entenderam a dinâmica e o realismo fantástico impregnado em suas obras que anunciava o novo que consistia numa mescla do absurdo e do trágico, do extraterreno e do transcendente “*como força que controla a vida humana*”¹⁵.

¹² BAKHTIN, Mikhail. “*Problemas da Poética de Dostoiévski*” p 4

¹³ Podemos entender isso como a liberdade diante de um tempo onde o sujeito é entendido a partir de uma esfera do absoluto.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. “*Problemas da Poética de Dostoiévski*” p 205

¹⁵ FRANK, Joseph. “*La secuela de La liberacion*” p 108.

Dostoiévski não poderia escrever de forma diferente, haja vista, seu intuito de representar à subjetividade humana que se naufragava em meio a uma existência marcada por crises de cunho social, políticas e existencial que dirimia a consciência humana sucumbindo-a ao imenso conflito devido, até mesmo, as humilhações e a impossibilidade de realizar-se dentro de uma dignidade de vida.

Portanto esta ida ao subsolo do homem e sua exposição é que compõe o seu realismo *fantástico*, como também, o caráter impactante de seus romances onde os mesmo se constituem enquanto configuração de um tempo da dúvida e da descrença, pois:

“A multiplicidade de planos e o caráter contraditório da realidade social eram dados como fato objetivo da época. A própria época tornou possível o romance polifônico. Dostoiévski foi subjetivamente um partícipe dessa contraditória multiplicidade de planos do seu tempo, mudou de estância, passou de uma a outra e neste sentido os planos que existiam na vida social objetiva eram para ele etapas da sua trajetória vital e sua formação espiritual. (...) Deste modo, as contradições de sua época determinaram a obra de Dostoiévski (...)”¹⁶

Mediante a isso, nos resta fazer uma apresentação indispensável – mesmo que de forma sucinta - de duas obras importantíssimas que se caracteriza como a gênese da problemática da polifonia aqui abordada que são elas: *O Duplo e O Homem do Subsolo*. Estas já nos demonstram o aspecto da fragmentação e do conflito dessas vozes interiores que dialogam entre si na própria subjetividade humana reivindicando uma autonomia perante a voz do autor dando suporte para a estrutura polifônica no romance. Poderíamos aqui dizer que dentro da estrutura de nosso texto passamos para um ponto prático como tentativa de dar cabo ao nosso problema.

O Sósia

De início podemos dizer que na estrutura destes dois romances temos a saída do duplo ao múltiplo, isto é, se o tema base do primeiro romance – *O sósia* - é a duplicação da consciência que se exterioriza para manter um diálogo com o próprio indivíduo dono dessa consciência de forma mais sufocante e conflituoso, com o segundo romance - *O homem do Subsolo* - há um diálogo infernal e sufocante numa interioridade que ecoam

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. “*Problemas da Poética de Dostoiévski*” p 28

varias vozes levando este indivíduo a dialogar com os seus senhores – as múltiplas consciências – e quando este sai de seu subterrâneo tenta impor-se e se definir no desejo de ser aceito em suas idéias, mas ao mesmo tempo desdenha aquele que tenta cumprir tal desejo. Eis que já se arquiteta uma crítica a própria sociedade que contribui para tal estado colocando grandes fardos a condição humana contribuindo para um maior tormento da interioridade diante das possibilidades de realização quase sempre frustradas.

Mas, vamos por parte. A começar pelo *Duplo*, ratificamos o impacto que esta obra trouxe ao cenário literário e, concomitante a isso a sua não aceitação. Isso se explica pela incompreensão deste universo da interioridade, ou da natureza humana revelado de forma tenaz e conflitante que rompia com os ditames do romance tradicional, pois os críticos e o próprio público estavam habituados ao enredo monológico onde predominava a diretriz do autor sobre os personagens e estes não abeiravam a tal estado de loucura. Ora, com *O Duplo* temos justamente a ambigüidade dentro de um realismo que se funde ao universo fantástico que constitui o caráter inovador desta escrita que é recebida com desdém pelos críticos de seu tempo. Os preconceitos, segundo Rodolfo Pessanha, sobre tal romance e a aceitação do primeiro – *Gente Pobre* - acontecem, pois: “*Dostoievski ampliou-o tão profundamente, tornou-o tão diferente, como a borboleta é diferente da lagarta, que depois que o vê pode não encontrar vestígios de primeira forma.*”¹⁷ Isto é, por mais que este tenha surgido de uma mesma mente, ele ganha proporções – a nível discursivo – mais amplo.

É justamente a exteriorização do indivíduo – no caso do Sr. Goliadkin - que se relaciona com o seu *Eu*, ou seja, com sua dupla personalidade expondo as suas experiências vividas que causou um *desacorde* ao leitor. Esta relação anunciada gera um antagonismo, pois de um lado temos um Sr. Goliadkin real, que aceita as determinações do sistema sendo o mesmo um sujeito medroso, mesquinho, pragmático e como servidor publico é humilhado pela sua situação social, mas que mesmo assim deseja ser aceito em meio a uma classe que lhe é superior e acima de tudo, deseja que seu chefe lhe conceda a mão de sua filha em casamento. Quando este acorda para a realidade, se sente despedaçado quando nada disso se apresenta como possível e concreto. Por outro véis temos o outro Sr. Goliadkin das intenções inconscientes, que

¹⁷ PESSANHA, Rodolfo Gomes. “*Dostoievski: ambigüidade e ficção*” p 12

se imagina um herói conquistador e ambicioso, capaz de reverter à situação na qual está posto. Portanto, temos com isso, a exposição da fragilidade e da contradição da vida da própria personagem o que nos leva a concluir a indeterminação e o desejo de realização que muitas vezes é frustrado perante tal sociedade.

Todo este jogo psicológico produzido por tais circunstâncias sociais conduz ao estado de frustração e conflito onde o campo de batalha é a própria subjetividade. Por isso o tênue enfoque e a relevância do contexto social expresso por Dostoiévski em suas análises. Este desdobramento de si é percebido por Goliadkin que entende que é sua própria consciência exteriorizada que lhe atormenta se apresentando como tudo aquilo que lhe é impotente. Este – o outro - é quem deveria ser o primeiro Goliadkin que se percebe desprovido de tais capacidades. Eis o caráter dramático de tal obra.

Temos aí um dos primeiros aspectos de toda a obra romanesca madura de Dostoiévski, que é o desdobramento da personalidade. O que permitiu a este fazer descobertas significativas acerca da personalidade humana, pois “Quem revela ao senhor Goliadkin a sua verdadeira natureza, quem lhe põe o problema da sua condição moral perante si próprio e a sociedade, é o seu duplo, ridículo, zombeteiro e metediço”.¹⁸ Portanto, *O Duplo*, constitui uma das primeiras apresentações de seus heróis polifônicos, e mostra-se como um desenvolvimento significativo diante do romance tradicional. Por isso foi tido como paranóico e estritamente alucinado. Podemos aqui justificar a não compreensão do mundo a qual Dostoiévski pretendia desvelar – e isso é compreendido, pois se o profeta não é reconhecido em sua terra, da mesma forma, o gênio não é entendido e seu tempo - com a colaboração de Boris Schnaiderman. Cito-o:

“*O Sósia*, o segundo romance contava com uma estrutura muita à frente da sua época: por vezes enigmático, estranho, com aquela duplicação da personagem central, sem uma definição de ‘mensagem’, sem a clareza de intenções que há no primeiro romance (*Pobre Gente*), embora este vá muito além das intenções explícitas. O *Sósia* é realmente um romance que está muito mais próximo do século XX que do ano em que foi publicado.”¹⁹

¹⁸ DOSTOIÉVSKI, F. M. “*Obra Completa*” (Vol. I) p 62.

¹⁹ SCHNAIDERMAN, B. “*Turbilhão e semente: Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*” pp. 24-25.

O Homem do Subsolo

Do *Duplo* ao *Homem do Subsolo* temos a ampliação das consciências, isto é, temos agora o múltiplo, ou o discurso da multiplicidade das vozes dentro da interioridade do humano. Adentramos no universo cacofônico produzido pelas diversas vozes que reivindicam sua autonomia. É o dialogo com seus múltiplos que leva este individuo a usar sempre a expressão, *senhores* mesmo estando sozinho em seu quarto, ou no seu subterrâneo. Com isso temos um *eterno* desdizer do dito, pois este ao perceber que mente desdiz sua afirmativa e reconstrói um novo discurso. Mas, este repete o circulo da impossibilidade de um discurso que represente a verdade, pois, estas consciências que falam de si se chocam com as incapacidades de se definirem. Em síntese, podemos dizer que este personagem é o embrião de toda inquietude dos demais personagens.

Na obra *Memórias do subsolo*, temos um prenúncio do que viria constituir os personagens polifônicos de Dostoievski nos seus romances considerados de maturidade. A imagem para caracterizar tal situação é imaginar este homem que vive seus remorsos num subsolo se estilhaçando e cada estilhaço desses formar uma nova personagem. São seus senhores se *exteriorizando*. Por isso é que se faz presente, nas *personas*, de forma bem arraigada a indefinição e a contradição que esquadra a moldura que os caracteriza como seres fragmentados e de idéias constantemente transitórias

A obra traz em si uma critica a sociedade no que diz respeito a sua influencia sobre a subjetividade e/ou personalidade do indivíduo, quando este não valoriza as manifestações que lhe são peculiares dando, por contrario, atenção e apreço muito mais aos aspectos estranhos a ele como as imposições sociais, as verdades científicas e todos os mecanismos de alienação de cunho utilitarista que torna o individuo um ser pragmático. Portanto, nesta obra já temos o painel que constitui o cerne e a finalidade de toda sua escritura que é artisticamente desenvolvida tendo a polifonia como eixo central que desvela este aspecto atormentado da subjetividade humana, haja vista que:

“o romance polifônico inaugurado por Dostoievski é um avanço no pensamento artístico da humanidade e até um modo de pensar que permite revelar aqueles aspectos do ser humano, e sobretudo a consciência humana e a

esfera dialógica de sua existência que não podem ser apreendidas a partir de posições monológicas”.²⁰

Com isso, temos com *O homem do Subsolo* – como também com o *Duplo* - uma grande inovação em relação aos romances tradicionais, pois pela primeira vez ele nos apresenta personagens naufragado no dialogismo sucumbindo-o numa crise existencial, mas que dentro dos enredos são senhores de seus itinerários. Portanto este homem, aqui representado, é um retrato fidedigno do homem do século XIX que se caracteriza por um extremo desejo de determinação, onde o mesmo se esbarra na indeterminação própria de tal tempo. É a partir de tal contexto que Dostoiévski nos diz; cito-o:

“O autor destas memórias é, naturalmente, imaginário, como são imaginárias elas próprias. No entanto, indivíduos, assim como o autor destas memórias, não só podem existir, como hão de fatalmente existir na nossa sociedade [contemporânea], se levarmos em conta as circunstâncias em que geralmente elas se formaram. Eu quis pôr em relevo, perante o público, mais nitidamente do que de costume, um desses caracteres duma época passada, mas recente. [...] Neste fragmento intitulado “O subterrâneo”, a personagem apresenta-se a si mesma, expõe os seus pontos de vista e explica, como pode, as razões pelas quais surge, e não tinha outro remédio senão surgir, no nosso ambiente...”²¹.

Temos, assim, a valorização do caráter imaginário que permeia a tessitura de suas obras. Como também o universo da contradição que se apresenta no próprio *Homem do Subsolo*, a partir do paradoxo entre o homem de ação e o homem do subterrâneo que dialoga com seus senhores, pois aqui, o mesmo infere de forma livre uma crítica ao homem de ação que se aprisiona e se determina pelas leis naturais e matemáticas *se enraizando* de forma medíocre em seu palácio de cristal resultando numa perda da subjetividade perante o muro que determina o limite de sua ação.

“Meu Deus, que tenho eu com as leis da natureza e com a aritmética, se, por algum motivo, não me agradam essas leis e o dois e dois são quatro? Está claro que não romperei esse muro com a testa, se realmente não tiver forças para fazê-lo, mas não me conformarei com ele unicamente pelo fato de ter pela frente um muro de pedra e de terem sido insuficientes minhas forças.”²²

Parece claro, neste recorte, o enfrentamento as leis que determinam o limite do homem reduzindo-o a uma menoridade no sentido de depender das verdades científicas.

²⁰ Apud, BEZERRA, Paulo. “A perenidade de Dostoiévski”. Artigo publicado na Revista Cult; “*Fiódor Dostoiévski: o profeta da literatura russa*” p 16.

²¹ DOSTOIÉVSKI, F.M. “*Obras completas*” (Vol. II) p 665.

²² DOSTOIÉVSKI, F. M. “*Memórias do Subsolo*” p 25

Não existe limite ao homem. A luta de Dostoiévski foi contra este caráter determinista do homem que ao se deixar determinar anula-se diante de si para o outro. A mecanização, ou sua instrumentalização, dos sentidos estão assim consumadas perante a este ser utilitarista que se coisifica, isto é, se desumaniza e este é o sintoma da modernidade. Por isso temos nesta obra, a mais tremenda explosão psicológica representada de forma artística e genial por Dostoiévski. Como também, a mais profunda denuncia da derrocada das ciências com suas verdades que não conseguem mapear as ações insalubres da psique humana. Por isso que na galeria destes personagens que desafiam e aterrorizam os nossos sentidos *Memórias do Subsolo* é tida como a suma dostoiévskiana e que, a mesma, quebra de forma sarcástica o natural para apresentar um universo torpe velado pela ignorância – ou medo – de não tomar o humano em si como centro da reflexão. Portanto não seria delírio de nossa parte afirmar que Dostoiévski realmente desceu as profundezas do espírito humano para lá reconhecer e trazer a público a verdadeira natureza da subjetividade humana que se encontrava escamoteada por medo ou preguiça do próprio homem descer em seus mais recônditos abismos. Portanto foi quem mais conheceu a subjetividade humana em seu sentido mais profundo que resultou num realismo trágico e fantástico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, almejando concluir tal itinerário, temos a certeza que

“Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas de toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Raskolnikov, Michikin, Stravoguin, Ivan Karamazov, o Grande Inquisidor e outros. (...) a obra de Dostoiévski se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos heróis dostoiévskiano”²³

Por isso, é que entendemos que sua obra revela a nudez da subjetividade humana, pois “*O problema de Dostoiévski era esse: apreender e tornar concretas as realidades da condição humana em uma série de crises extremas e definidoras; traduzir experiência ao modo do drama trágico...*”²⁴. Ora, o que nos restaria depois disto se não o homem tal qual ele é, sem máscaras perdido nas suas incertezas e nas agonias paradoxais que não o permite, ao menos, se comparar a um inseto. O âmago da

²³ BAKHTIN, Mikhail. “*Problemas da Poética de Dostoiévski*” p 3

²⁴ STEINER, George. “*Tolstói ou Dostoiévski*” p 154

subjetividade é representado no extremo limite do conflito. Na verdade é justamente o que se tem como interesse em usar o termo polifonia; é para mostrar um mundo esdrúxulo que existe e que, de certa forma, segundo Cristovão Tezza, a cultura escamoteia. Necessitaríamos de uma clarividência a modos de Dostoiévski para percebermos este conflito nas entranhas da interioridade do outro. Portanto temos em sua escrita o invadir da interioridade, onde as personagens transitam pelas consciências perturbadas uma das outras, não é por menos que

“Para Mikhail Bakhtin, o estudioso que definiu como dialogismo e polifonia a engrenagem da articulação, e interação e intercomplementação das vozes na obra de Dostoiévski, o homem ‘não tem território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, ao olhar para dentro de si mesmo ela olha o outro nos olhos ou pelos olhos do outro’²⁵

Eis em que consiste a novidade da expressão artística deste gênio, por isso:

“O dialogismo, no qual eu olho o outro nos olhos, vejo-me pelos olhos do outro, que me olha, me espreita, me julga e me completa, assim como ele também se completa em mim, deixa sempre meu discurso uma lacuna que eu mesmo não consigo preencher e por isso preciso do outro para preenchê-la”²⁶

Este quadro e/ou espelho estilhaçado da imagem do humano é forte aos olhares daqueles que segundo o próprio autor não se visita e se camufla por de trás de uma *maskara*. É mediante a tal argumento que a polifonia nos aparece como a abertura do indivíduo em sua nudez e sinceridade perante aos nossos olhos onde, ao vermos, dificilmente não nos identificamos com seus remorsos e angustias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*; trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Nnn

_____. *Estética da Criação Verba*. Trad. Paulo bezerra. 4º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Obras Completas em quatro volumes*; trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

²⁵ Apud, BEZERRA, Paulo. “A perenidade de Dostoiévski”. Artigo publicado na Revista Cult; “Fiódor Dostoiévski: o profeta da literatura russa” p 6

²⁶ Idem. p 7

_____. *Obra completa* (Vol.II); trad. Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1967.

_____. *Dostoiévski: Correspondências*; trad. Robertson Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2009

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: as sementes da revolta* (1821-1881); trad. Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 1999. Estética da Criação Verbal

_____. *Dostoiévski: Os efeitos da libertação* (1860-1865); trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2002.

GEORG, Steiner. *Tolstoi ou Dostoiévski: Um ensaio sobre o velho criticismo*; trad. Isa Kopelman. São Paulo: perspectiva 2006

MORAIS Regis de. *Dostoiévski: o operário dos destinos*. 2^a.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

NOGUEIRA, Hamilton. *Dostoiévski: crítica e interpretação*. 2.^aed. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1974.

PESSANHA, Rodolfo Gomes. *Dostoiévski: ambigüidade e ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34, 2003.

ROSA, Virgínio Santa. *Dostoiévski: um cristão torturado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1981.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas cidades, 1983.